

**Transcrição digitalizada de um manuscrito de 1946
para recordar e homenagear o meu avô*
Manuel de Faria Calvet de Magalhães (1898-1963)**

**[Digital transcription of a 1946 manuscript:
Remembering my grandfather - a homage]**

“Surréalisme” e Comunismo [1946]

Manuel de Faria Calvet de Magalhães

Muitos espíritos creem existir uma íntima afinidade entre a chamada escola *surréaliste* e o comunismo. É um erro que convém esclarecer. No grande e autorizado semanário *Monde*, dirigido por Henri Barbusse¹, publicava o notável crítico Augustin Habaru², em 21 de dezembro de 1929, uma crônica [“*Populisme?*”] em que analisava o manifesto *populiste*³, movimento então nascente. Nessa crônica, cuja tradução damos fiel e integralmente, o vigoroso crítico condenava já há dezessete anos, em nome do comunismo marxista, tanto o movimento além-realista como o popularista, que considerava seu derivado.

Esta exumação tem apenas um interesse documental para desfazer um erro em que tantos laboram de boa-fé.

* Transcrição digitalizada (mantendo a ortografia original) de um manuscrito do meu avô com a tradução integral da crônica “*Populisme?*” de Augustin Habaru [*Monde*, No. 81 (21 de dezembro de 1929)] – revisão com acréscimo de notas de rodapé e referências bibliográficas.

1. Henri Barbusse (1873-1935) fundador do semanário *Monde* em 1928. No primeiro número do *Monde*, publicado em 9 de junho de 1928, Barbusse constava como diretor e presidente do conselho administrativo junto de um conselho diretivo composto por Albert Einstein, Maxime Gorki, Upton Sinclair, Manuel Ugarte, Miguel de Unanuno, Leon Bazalgette, Mathias Morhardt e Leon Werth. No primeiro corpo editorial do *Monde*, Augustin Habaru constava como redator-chefe. Ver Normand Guessler, “Henri Barbusse and his *Monde* (1928-35): Progeny of the Clarté; Movement and the Review *Clarté*”; *Journal of Contemporary History*, 11 (1976), pp. 173-197. Para o grupo *Clarté*, que tinha como propósito lutar contra a ignorância, e a revista *Clarté* (1919-1924), ver Henri Barbusse, *La lueur dans l'abîme: ce que veut le groupe Clarté* (Paris: Editions Clarté, 1920). Ver também Alain Cuénot, “Clarté (1919-1928): du refus de la guerre à la révolution”, *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, No. 123 (2014), pp. 45-59. Para Manuel Ugarte e a sua colaboração no *Monde*, ver Erwan Sommerer, “Un socialiste argentin à Nice: les effets de l'exil sur la pensée politique de Manuel Ugarte (1921-1933)”, *Cahiers de la Méditerranée*, No. 82 (2011), pp.89-100.
2. Esse manifesto literário, de Léon Lemonnier (1890-1953), foi primeiro publicado, em 27 de agosto de 1929, numa forma concisa [“Un manifeste littéraire: le roman populiste”] no periódico pacifista de esquerda *L'Œuvre*. Foi publicado, pouco depois, por vários editores, sob formas e títulos diferentes: *Manifeste du roman populiste* (Paris: La Centaine, 1929); *Manifeste du populisme* (Paris: J. Bernard, 1930), *Populisme* (Paris: La Renaissance du livre, 1931). Ver Marie-Anne Paveau, “Le “roman populiste”: enjeux d'une étiquette littéraire”, *Mots*, No. 55 (1998); ver também Mathias Kern, *L'esthétique populiste. “L'Amour du peuple” dans la culture française de l'entre-deux-guerres*. Berlin: Walter de Gruyter, 2021. Para o populismo em literatura, ver o Anexo [*Histoire du mot “populisme”*] in Pierre Rosanvallon, *Le siècle du populisme. Histoire, théorie, critique* (.Paris: Seuil, 2020).
3. Augustin Habaru (1898-1944): jornalista, membro do Partido comunista belga, redator-chefe do jornal *Monde* (1928-1934), lutou na França como membro da Resistência, foi preso no dia 30 de maio de 1944 e fuzilado pelos Alemães no dia 21 de junho de 1944. Para a biografia de Augustin Habaru: <https://fusilles-40-44.maitron.fr/spip.php?article144823>

Augustin Habaru, “Populisme?”
(Monde, No. 81, 21 décembre 1929)

[Tradução de Manuel de Faria Calvet de Magalhães;
revisão de Theresa Calvet de Magalhães]

“Àcêrca de Marcel Arland⁴ falamos, na semana passada, [da falência] duma geração que entra na ordem conservadora, depois de ter querido destruir tudo⁵. São raros os escritores de trinta anos que confessam essa falência com a franqueza de Arland. Muitos dissimulam, sob novos ouropéis, a sua derrota e o seu desespero [*désespoir*]. Enroupam o desejo invencível de evasão com falsos aspectos da realidade, criando assim um novo jogo literário. E o resultado a que chegam é ainda mais um revés.

Os sobreviventes do *surréalisme*, todavia, conservam-se nas suas posições. Breton publica um segundo manifesto⁶ em que procura demonstrar que, longe de se opor ao materialismo histórico, o *surréalisme* procede da dialectica marxista, que ele alarga e profunda. Pretendendo encarar, sob o mesmo ângulo do que os revolucionários, os problemas do amor, do sonho, da loucura, da arte e da religião, [Breton] tem o atrevimento de escrever “que, antes do *surréalisme*, nada se fizera nesse sentido de sistemático.”⁷ *Seria fácil confundir o autor destas linhas e de provar a sua ignorância da literatura marxista na Europa. Mas era dar na verdade muita importância a um jogo que já não tem quase importância, e que terá cada vez menos,*

O manifesto *populiste*, parece-nos mais importante. Menos pelo que contem, do que pelo que revela, com desconhecimento de seus padrinhos. Porque afinal de contas, tal como no-lo apresentam, o *populisme* é um pobre feto cujo bocal virá a ocupar, nas prateleiras da história literária, menos espaço do que a bola de vidro *surréaliste* [*un pauvre fœtus dont le bocal occupera sur les rayons de l'histoire littéraire moins de place*

4. Marcel Arland (1899-1986): em 1924, Arland publicou um artigo intitulado “Sur un nouveau mal du siècle” (*La Nouvelle Revue française*, No. 125, pp. 149-158) no qual criticava as posturas dos surrealistas. Ver Alain Cuénot, “Clarté (1919-1928): du refus de la guerre à la révolution”, *Cahiers d'histoire Revue d'histoire critique*, No. 123 (2014), pp. 115-136. Sobre Marcel Arland, ver Victoire Diethelm, “Présence du biographique chez Marcel Arland”, *Revue italienne d'études françaises*, No. 8 (2018).

5. A. Habaru, “Marcel Arland et le drame d'une génération”, *Monde*, No. 80 (14 de dezembro de 1929).

6. André Breton, *Second manifeste du surréalisme*, publicado no número 12 (o último número) da revista *La révolution surréaliste*, (15 de dezembro de 1929), pp. 1-17. Ver Jean-Pierre Bertrand, Jacques Dubois, Pascal Durand, “Approche institutionnelle du premier surréalisme (1919-1924)”, *Pratiques: linguistique, littérature, didactique*, No. 38 (1983), pp. 27-53. Ver também Pascal Balmand, “Breton, Aragon ... Les surréalistes et les communistes”, *L'Hisoire*, No. 127 (novembro 1989), pp. 34-42

7. André Breton, *Second manifeste du surréalisme*, p. 6. Ver Guillaume Bridet, “Tensions entre les avant-gardes: le surréalisme et le Parti communiste” (2011/4), pp. 23-45.

que la boule de verre surréaliste]. Dada⁸ e o *surréalisme* ao prolongarem, num período de desmoronamento e de caos, a literatura de análise psicológica, foram manifestações fortemente representativas de uma época. A fórmula ociosa “Pintar o povo”, não oferece hoje nada de semelhante.

Eu sei: tem a prudência de nos dizer que não se trata de continuar Zola e de ignorar de todo a cota da psicologia moderna. O *populisme* pretende reagir contra os excessos da literatura de introspecção e de sexualidade. Quer conduzir-nos a maior simplicidade. Veremos ao depois o valor dessa reacção. Manifesta, todavia, tal cegueira em face das realidades sociais de hoje, que se pode predizer a morte próxima e definitiva do rótulo com que se veste ridiculamente.

André Thérive⁹, que fez um esforço louvável para se aproximar da alma dos empregados modestos, procura a vida do povo na plataforma dos auto-omnibus. E supõe descobri-la ao falar de “carripana” [*bagnole*], de “garoto” [*moutard*], de “descompostura” [*engueulade*] na sua crónica de *Comoedia*.¹⁰ Produz o memo efeito dum turista da Agencia Cook à procura de “curiosidades” em Belleville. As altas esferas e as baixas camadas da sociedade, são temas já desvastados pelo espezinamento de vinte anos de literatura. Procura-se outra coisa, nas regiões de gente humilde. Outra coisa, isto é, outros temas literários.

Zola, a cujo *populismo* se alude, não era nos bairros que procurava os temas de seus romances. Ao resolver pintar um fresco da sociedade no seu conjunto, o seu grande valor está em ter fixado uma imagem da sociedade em *movimento*. Sob o traje do mineiro, como sob a sotaina do padre, atrás dos balcões ou das secretárias não via modelos humanos dignos das atenções de um romancista. Via nos indivíduos, como nas multidões, o movimento da humanidade, e descobria as forças de que esse movimento é a resultante. Ao penetrar sob a crosta, tocou na vida. E foi o que o animava a tomar na luta social, uma posição de combate, de perfeito acordo com a sua obra de romancista.

Os populistas temem o cuidado de nos dizer que recusam tomar posição de combate. Decidiram ignorar as forças sociais em acção. Nessas condições, dizemos-lhes já que se

8. Para o movimento Dada e o surrealismo, ver “Dada et surréalisme, deux mouvements intriqués” (<https://olivierkrakus.com/2024/01/30/dada-et-surrealisme-deux-mouvements-intriques/>).

9. André Thérive [seu nome verdadeiro era Roger Puthoste] (1891-1967). A sua crónica “Plaidoyer pour le naturalisme”, publicada no jornal *Comoedia*, em 3 de março de 1927, foi considerada por Léon Lemonnier como “o primeiro manifesto populista”. Ver François Ouellet e Véronique Trottier, “Présentation”, *Études littéraires*, Vol. 44, No. 2, 2013 [*Populisme pas mort: autour du Manifeste du roman populiste (1930) de Léon Lemonnier*], pp. 7-18.

10. André Thérive, “Plaidoyer pour le naturalisme”, *Comoedia* (3 de março de 1927), p. 1.

colocam fora dessa realidade a que supõem levar-nos. A realidade de hoje, é tanto representada pelos botequins de Ménilmontant, como pelos *dancings* de Montmartre. A realidade de hoje está para além dos bailes ao ar livre, do cinema falado, dos *matches* de boxe e das conversas no casinhoto do porteiro. Essa realidade vive nas forças profundas a que a maioria dos homens obedecem inconscientemente, é o drama do indivíduo em luta com esse movimento irresistível que o arrasta, o esmaga ou o exalta. Zola é grande porque soube fazer a síntese desse drama, no período de ascensão da indústria e do despertar da consciência de classe dos trabalhadores. Saudaremos com entusiasmo os esforços feitos nesse mesmo sentido, nesta época de racionalização da produção, da vida e da alma humana.

O *populisme* surge como reação contra as charlatanices psicológicas, a fantasia desordenada, a busca de originalidade a todo o custo, a necessidade de fuga no pesadêlo que caracterizam a literatura depois da guerra. Todavia, essa reação não data de Agosto de 1929 [data da primeira publicação do *Manifeste du roman populiste*]. A tradição da verdade conserva-se viva em plena crise, porque os melhores dentre os mais novos escritores mantiveram contacto com a realidade humana. Essa tradição reforçou-se tanto mais quanto a estabilização da ordem estabelecida eliminara as causas da perturbação económica, social e moral. Hoje, a moda literária regista o facto consumado.

Não é isso um fenómeno particular da França. A Alemanha mostra-nos há algum tempo uma evolução análoga, que se traduz em força. Após a guerra, as perturbações sociais provocaram o agravamento de correntes destruidoras e caóticas de rara violência. A estabilização monetária e a reabilitação económica foram-nas eliminando pouco a pouco, e um novo realismo, uma nova objectividade manifesta-se em todos os domínios da criação. Volta-se a maior equilíbrio e maior simplicidade. Mas esse equilíbrio significa que foram afastados os perigos que ameaçavam a civilização?

Se desapareceu o perigo da anarquia, outro perigo, muito mais grave, tomou o seu lugar, o da morte de todo o pensamento vivo numa sociedade racionalizada até o exagero. A estabilização da ordem social dominada pelo feudalismo financeiro ameaça impor-nos o reino da mediocridade estandardizada. A nova objectividade na Alemanha, o *populisme* em França, fechando os olhos à luta de classes, eis dois modos literários ao nível duma civilização de punhos e colarinhos de celuloide, dessa civilização para operários agrilhoados e para empregados bancários com seguro de vida.

Triste futuro, a que nos recusamos submeter, tomando, para defesa da cultura, uma posição de combate.”